



PESQUISA ETNOGRÁFICA COM BASE NA INTERAÇÃO DIALÓGICA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

ETHNOGRAPHIC RESEARCH BASED ON DIALOGICAL INTERACTION: POSSIBILITIES AND CHALLENGES

DOI: [10.23926/RPD.2526-2149.2020.v5.n2.p1449-1458.id806](https://doi.org/10.23926/RPD.2526-2149.2020.v5.n2.p1449-1458.id806)

**Jean-Claude
Rodrigues da Fonseca**
Mestre em Antropologia
Social (UFRN).
Professor no Instituto
Federal de Mato Grosso
(IFMT)
jean.fonseca@tga.ifmt.edu.br

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir acerca da importância da pesquisa etnográfica, com base na interação dialógica, tendo como pressupostos a singularidade, o respeito e a riqueza do encontro entre pesquisador e interlocutor. Também debate o desafio de ir a campo e coletar dados para a análise de fenômenos sociais. Em termos metodológicos, a pesquisa tem caráter qualitativo, de natureza básica e descritiva, a partir do procedimento bibliográfico. O artigo encerra observando que, de um lado, a pesquisa deve se precaver de armadilhas interpretativas do senso comum; e de outro, sob a dimensão dialógica, vislumbra a oportunidade de construir uma visão mais coerente, interativa e crítica da realidade.

Palavras-chave: Etnografia. Interação dialógica. Dados de campo. Escrita etnográfica.

Abstract: The purpose of this paper is to reflect on the importance of ethnographic research, based on dialogical interaction, regarding the uniqueness, respect and richness of the encounter between researcher and interlocutor. We also discuss the challenge of going to the field and collecting data for the analysis of social phenomena. In methodological terms, this research has a qualitative character, of a basic and descriptive nature, based on the bibliographic procedure. We conclude by noting that, on the one hand, research must guard against interpretive pitfalls of common sense; on the other hand, under the dialogic dimension, it might be the possibility of building a more coherent, interactive and critical view of reality.

Keywords: Ethnography. Dialogic interaction. Field data. Ethnographic writing.



1 INTRODUÇÃO

A etnografia foi transposta da Antropologia para outros campos do saber, inclusive, para a Educação. Nesta perspectiva, Jardim (2013, p.1 – grifo nosso) defende que a

pesquisa [etnográfica] permite que se compreenda ‘de dentro’ os processos educacionais, ao buscar explicar a realidade com base na percepção, atribuição de significado e opinião dos atores sociais envolvidos. Assim, a etnografia [...] em educação contribui para a descoberta da complexidade dos fenômenos educacionais e possibilita um conhecimento real e profundo dos mesmos [...].

Seja para o estudante recém-iniciado como para o investigador veterano, a pesquisa etnográfica é sempre muito abundante em termos de possibilidades metodológicas, interação e construção de dados. Desse modo, o presente *paper* assenta-se sobre algumas questões norteadoras, entre elas: Como a interação dialógica pode colaborar para minimizar ou até superar a pseudointeração entre pesquisador e interlocutor? Quais as implicações da pesquisa etnográfica com base numa efetiva interação dialógica? Que cuidados devem, minimamente, nortear a escolha do interlocutor e que espaço ele deve ocupar na escrita etnográfica? Por fim, que desafios são impostos ao pesquisador na “coleta” ou elaboração dos dados da pesquisa de campo?

Como objetivo geral, o artigo reflete sobre a importância da pesquisa etnográfica – seja para a Educação ou qualquer outro campo do saber – com base na interação dialógica, tendo como pressuposto a singularidade, o respeito e a riqueza do encontro entre pesquisador e interlocutor. O trabalho de campo também é apontado como um complexo processo de estruturação de dados, com foco na análise crítica de fenômenos sociais. Em termos metodológicos, a pesquisa tem caráter qualitativo, a partir do qual o cientista é percebido, simultaneamente, como sujeito e “objeto” de sua pesquisa (SILVEIRA; CÓDOVA, 2009, p.32). Quanto à natureza, é uma pesquisa básica, que descreve a referida temática através da investigação bibliográfica, na intenção de colocar os autores referenciados num debate que, em alguma medida, elucide as questões supracitadas.

As seções seguintes ancoram a principal fundamentação do artigo. A seção 2 observa os riscos da pseudointeração entre pesquisador e informante, acentuando a relevância atribuída à pesquisa etnográfica, a partir da perspectiva dialógica. Pois, nesta concepção, o informante passa à condição de interlocutor. A seção seguinte reflete sobre a prudência no processo de selecionar, contactar e, honestamente, posicionar o interlocutor na escrita etnográfica. E por fim, a seção “O campo e a ‘coleta’ de dados” discute tais categorias para dá-lhes o adequado tratamento na elaboração da pesquisa, por entender que o campo é substanciado por incontáveis



variantes, compreendendo o recorte geográfico, os referenciais, as vivências, entre outros não menos relevantes.

2 REPENSANDO A PESQUISA ETNOGRÁFICA A PARTIR DA INTERAÇÃO DIALÓGICA

Em relação às demais disciplinas, o que a Antropologia tem de mais original e salutar, embora não exclusivamente, é a pesquisa etnográfica. Este aspecto possui um diferencial sobre outros modelos de investigação, porque busca criar, de modo dinâmico, uma “prolongada familiaridade [...] numa relação direta e de [efetiva] comunicação” com o interlocutor, isto é, com o grupo estudado em determinado contexto social (LABURTHE-TOLRA; WARNIER, 1997, p.423).

Tomando a literatura antropológica clássica como ponto de partida, é possível perceber que a relação “entrevistador e entrevistado” era bastante trivializada. O que, na melhor das hipóteses, promovia uma pseudointeração entre ambos. Assim, Oliveira (1998, p.23 – grifo nosso) percebe que, no “ato de ouvir o ‘informante’, o etnólogo exerce um poder extraordinário sobre o mesmo, ainda que pretenda posicionar-se como observador o mais neutro possível [...]”. Por isso, o autor conclui que “perguntas feitas em busca de respostas pontuais lado a lado da autoridade de quem as faz [...] criam um campo ilusório de interação”. Então, na utilização objetiva e pragmática do “outro” como “informante”, uma real condição dialógica não é concebida, o que fragiliza a construção e o equilíbrio da própria pesquisa. Por outro lado, Oliveira (1998) afirma que, ao deixar de ser mero informante e ao passar à condição de interlocutor, emerge efetiva oportunidade de interação, influenciando, substancialmente, na boa qualidade da pesquisa científica.

Na mesma linha crítica, Lopes Júnior (2002, p.276) explica que “como reflexo do paradigma da disjunção, a ciência que surgiu com o racionalismo moderno teve uma atitude ingênua ao imaginar que poderia observar os fenômenos em si mesmos como se [...] desenrolassem independentemente do observador”. Lopes Júnior (2002, p.277) fornece outro oportuno esclarecimento, ao ressaltar que as

Ciências Humanas foram as que mais diretamente se ressentiram dessa disjunção, pois era demasiadamente presunçoso tentar falar do ser humano como se estivesse falando de um estranho. A objetividade nas Ciências Humanas justificava-se ideologicamente com uma série de estranhamentos dirigidos contra o próprio homem. O outro era o estrangeiro, o selvagem, o primitivo, o atrasado, o tradicional, o ágrafo, o incivilizado, o pagão, a outra etnia, o outro grupo social.

Delineada a relevância atribuída à pesquisa etnográfica, a partir da perspectiva dialógica, a ressalva de Lopes Júnior (2002, p.82) amplia esta compreensão, pois a encara como



“certa fusão de estruturas de pensamento e de ideias sem perda da identidade de cada estrutura”, ou seja, é possível haver “distinção sem disjunção e troca de habilidades sem complementaridade”. Então, neste fecundo intercâmbio entre os envolvidos na pesquisa e tendo em mente a singularidade de cada um, pesquisador e interlocutor são influenciados recíproca e positivamente, ao propiciar o enriquecimento de ambas as partes.

Oliveira (1998, p.24), inclusive, sublinha que a relação dialógica possui grande vantagem sobre outros procedimentos de entrevista, porque ela faz “com que os horizontes semânticos em confronto – o do pesquisador e o do nativo – abram-se um ao outro, de maneira a transformar [...] tal confronto em um verdadeiro ‘encontro etnográfico’”. Contudo, isto é plausível no momento em que o pesquisador estiver dotado de sensibilidade para escutar atentamente seu interlocutor e ser, igualmente, ouvido por ele, criando uma atmosfera entre “iguais”, sem o temor da mútua contaminação. Oliveira ainda defende que não seja possível acreditar e perpetuar a ilusão da “neutralidade idealizada pelos defensores da objetividade absoluta”, porque, na interação dialógica, o ouvir recíproco dá um salto qualitativo de aprendizagem, o que transforma a relação numa harmoniosa estrada de “mão dupla”. Neste universo, a pesquisa etnográfica compreende “o que os antropólogos chamam de ‘observação participante’, o que significa dizer que o pesquisador assume um papel perfeitamente dirigível pela sociedade observada [...]” (OLIVEIRA, 1998, p.24). Portanto, a interação dialógica é apresentada como base viável, coerente e até mais humana para a pesquisa etnográfica, porque, conforme elucidação anterior, ela tanto interage numa perspectiva mais profunda com o interlocutor como mantém necessária cautela para não coisificá-lo ou diminuí-lo a uma simples “caixa de mensagens”. Nas palavras de Lopes Júnior (2002, p.112):

O valor da interação dialógica está em afirmar a identidade (embora compreendida complexamente), superar o isolamento incomunicável, impedindo, com isso, uma deriva irracionalista para um lado e racionalizadora para outro. Sem cair no especialismo disciplinarista, pode fazer florescer a ética não-compartmentalizada, e a crítica em ambas as instâncias.

Oliveira (2004, p.35) adverte, igualmente, que o cientista terá de encarar certos problemas de ordem

ético-morais de base, na medida em que tem que estabelecer uma relação dialógica com os sujeitos da pesquisa, e, portanto, procurar ouvi-los de fato, não só para que a interação transcorra de maneira adequada, mas também para que compreenda bem o que está estudando.

3 ESCOLHA E CONTATO COM O INTERLOCUTOR E SEU LUGAR NA ESCRITA ETNOGRÁFICA



Diante das ponderações acerca da perspectiva dialógica, é possível que já estejam explícitos a importância e o papel que o interlocutor deve desfrutar na pesquisa etnográfica. Embora pareça óbvio, Bourdieu *et al.* (2002, p.50) rememoram que as Ciências Humanas abordam “um objeto que fala”. Isto é significativo porque tanto existe a inconveniência do pesquisador ser levado por suas pré-noções (ou a de seus informantes) e cair numa sociologia espontânea – associada ao senso comum – quanto há diversas possibilidades positivas de perceber nos discursos “não a explicação [superficial] do comportamento, mas um aspecto do comportamento a ser explicado” (BOURDIEU, 2002, p.52 – grifo nosso).

A escolha e o contato com o interlocutor poderiam ser uma consequência inevitável da simples ida ao campo, o que não é verdade. Assim como o campo, a problemática, a teoria, os objetivos, as perguntas e tudo o mais envolvido na pesquisa são uma complexa elaboração, assim o são a delimitação, a seleção e a adequada identificação do interlocutor. Nesta compreensão, nada deve transcorrer de forma aleatória ou imposta numa investigação científica.

Muitos pesquisadores das Ciências Humanas já devem ter superado o equívoco de achar que a realidade do campo é como fotografar uma paisagem estática, inanimada, pronta para ser, passivamente, descrita pelo observador. Laburthe-Tolra e Warnier (1997, p.432) defendem que na “redação dos resultados da pesquisa, quer se trate de entrevistas, genealogias ou relatos de vida, será necessário poder dar a palavra aos sujeitos da pesquisa, e citá-los textualmente nas passagens mais características de seu discurso”. Aliás, a pesquisa moderna tem tido o cuidado de saber quem é o “autor”, a quem a obra é atribuída ou quem realmente está falando e “assinando” a escrita etnográfica¹. Geertz (2002, p.27), inclusive, admite que hoje não se sustenta mais o enorme abismo que muitos pesquisadores procuraram instituir entre “O eu e o Outro”, como se o Outro fosse, primordialmente, exótico, esquisito ou excêntrico.

Seja qual for o gênero, é preciso humildade para confessar que ninguém escreve ou constrói textos sozinho. Um exemplo óbvio é a inserção do referencial teórico, com o qual se dialoga. Desse modo, o merecimento de qualquer produção deveria ser conjugado na primeira pessoa do plural, porque o que é elaborado, especialmente a partir do campo, tem como substrato uma “situação de diálogo” (LABURTHE-TOLRA; WARNIER, 1997, p.430). Neste ponto, o esclarecimento de Evans-Pritchard (2005, p.300) é bem-acolhido, porque ele ratifica o elemento primordial de toda pesquisa:

¹ Ver, por exemplo, GEERTZ, Clifford. *Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita*. In: GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2002 [1988].



[Nosso] objeto de estudo são os seres humanos, [por isso] este trabalho envolve toda a nossa personalidade – cabeça e coração; e que, assim, tudo aquilo que moldou essa personalidade está envolvido, não só a formação acadêmica: sexo, idade, classe social, nacionalidade, família, escola, igreja, amizades. Tudo que desejo sublinhar é que o que se traz de um estudo de campo depende muito do que se leva para ele.

Oliveira (1998, p.19) reitera a proposição de Evans-Pritchard, enunciando que – ao ser atingido pelo olhar do pesquisador – o “objeto” sofre previamente uma alteração pela própria maneira de visualizá-lo. E ele conclui dizendo que seja “qual for esse objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade”, o que inclui certa parcela de subjetividade da equação investigador/interlocutor. Esta afirmativa é, igualmente, sustentada por Berger e Luckman (1990, p.35, 36), ao ratificar que a “vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido a medida em que forma um mundo coerente”.

Ao meditar na amplitude e no desafio impostos pela pesquisa, poderíamos abrir um parêntese, para aprender mais com os poetas, porque, em matéria de complexidade, parecem estar mais libertos para mediar e serem mediados pela realidade que os envolve. Por exemplo, da humilde percepção dos versos de “Caminhos do Coração” – música do cantor e compositor Luiz Gonzaga Nascimento Filho, o Gonzaguinha – reverberam preceitos, já apreciados nesta reflexão, que tanto são irrefutáveis quanto aplicáveis aos demais saberes, científicos ou não:

[...] eu sou feliz, principalmente por chegar a todos os lugares onde já cheguei. Pois lá deixei um prato de comida, um abraço amigo e um canto pra dormir e sonhar. Aprendi que se depende sempre de tanta muita diferente gente. Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas. É tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente (NASCIMENTO FILHO, 1999).

É propício o alerta de Geertz (2002, p.188) de que não podemos cair no “ventriloquismo etnográfico”, porque – já que pretendemos falar “sobre outra forma de vida” – precisamos nos prevenir contra a presunção de que possuímos a prerrogativa de “falar de dentro dela”, pois ser “gente de tanta gente” é, simplesmente, aprender a prezar lições de “outras tantas pessoas” sem anulá-las em sua relevância e singularidade. Esta prudente vigilância é, igualmente, recomendada por Oliveira (1998, p.30 – grifo nosso) como uma pesquisa “polifônica, na qual teoricamente se oferece espaço para as vozes de todos os atores [...] sobretudo, para a responsabilidade específica da voz do [pesquisador] que não pode ficar obscurecido ou substituído pelas transcrições das falas dos entrevistados” (ou, como consideramos mais adequado, interlocutores). No entanto, o autor supracitado aponta que isto não é tarefa tecnicamente fácil, dado que lidamos com “vidas alheias em ‘nossos’ textos, mas,



[especialmente] por esse trabalho ser ‘moral, política e epistemologicamente delicado’”². Memoramos que a mutualidade e a cumplicidade no processo de “autocompreensão através da compreensão do ‘outro’”, é o que torna instigante a pesquisa etnográfica (AMARAL, 2003, p.162).

Ao discorrer a respeito do que Maurice Leenhardt defende como escrita etnográfica coerente, Amaral (2003, p.163) faz importante esclarecimento:

Mais do que descrições objetivas, seus textos são respostas a esse encontro – um “encontro interpessoal [...] que produz textos descritivos-interpretativos”³ – e como tal, não se apresentam como interpretações fechadas neles mesmos. Apresentam-se, sim, como um processo contínuo de tradução, porque se trata aqui de tradução recíproca, indeterminada e, portanto, com um fim sempre em aberto: um exemplo de troca constante entre o etnógrafo e seus informantes.

4 O CAMPO E A “COLETA” DE DADOS

Ao falar sobre a chegada do etnógrafo ao campo, Berreman (1980, p.125) esclarece que, em geral, o pesquisador é obrigado a executar duas estratégias: apresentar-se pessoalmente ao grupo investigado e, no transcurso da aproximação, procurar “interpretar o modo de vida dessas pessoas”. E conclui que, como toda “interação social [tais tarefas] envolvem controle e interpretação das impressões”, que, inclusive, ocorrem dos dois lados, isto é, do etnógrafo e de seus sujeitos. Ademais, destaca que a tentativa de fornecer a “impressão desejada de si próprio e de interpretar” o comportamento e as atitudes de outrem são elementos basilares da etnografia, pois estes componentes estão presentes em todas as interações sociais. Noutras palavras, construímos os dados, com base na leitura a respeito do campo e – guardadas as devidas proporções – somos alvo de exercício semelhante pelos sujeitos da nossa própria pesquisa. Nesta perspectiva, é possível que a porta permaneça aberta para o aprofundamento da investigação (ou, quem sabe, para a sondagem de ambos os lados); afinal, o “etnógrafo e seus sujeitos são, simultaneamente, atores e público” (BARREMAN, 1980, p.141).

“Coletar” dados em campo é sempre um extraordinário desafio, em face de diversos fatores complexos em si mesmos. Como exemplo, a partir da perspectiva do pesquisador, é preciso verificar a aplicabilidade e a eficiência das próprias entrevistas; e a objetividade e clareza das questões apresentadas aos interlocutores. Do lado do investigado, pode surgir inibição frente a um aparelho eletrônico, a um pequeno caderno (diário de campo) ou a uma simples folha de papel. Ainda há elementos mais subjetivos, como o estado de ânimo; o receio

² Clifford Geertz, *Works and lives: The anthropologist as author* (apud OLIVEIRA 1998, p.26).

³ Clifford (1982 apud AMARAL, 2003, p.163).



com relação à alguma pergunta embaraçosa, dentre outras variáveis. Outro aspecto relevante é a seleção das informações dos interlocutores e como elas são processadas. O que é registrado ou aproveitado em termos de “dados de campo”, geralmente, é resultado da própria leitura, escolhas e elaborações do pesquisador, ainda que este proponha manter o canal de interação aberto ao grupo pesquisado, para que o texto final seja uma construção coletiva. Todo cientista deve estar ciente de que qualquer obstáculo aos objetivos traçados pode ter relação direta ou indireta com certos precedentes referentes à sua trajetória histórica e/ou acadêmica, o que inclui fatores interpretativos, psicológicos, dentre outros, que definirão, em alguma medida, a escrita do texto final.

Sanjek (1990) relata que George Bond declarou que ao rever as notas de campo preenchia determinadas lacunas não percebidas em primeira instância, ou seja, no momento da interação com seus interlocutores. Nesta perspectiva, “colher” informações é um processo continuado de reflexão e redescobertas, que extrapolam a pesquisa de campo e sua espacialidade. Afinal, o que é o campo senão a confluência de determinado recorte geográfico, referencial teórico, experiências, conselhos, erros, acertos, ideias acumuladas, além de diversas interações sociais ensaiadas pelo investigador? Se é que existem, onde estão as fronteiras da pesquisa na contemporaneidade? Neste sentido, é pertinente a observação de Evans-Pritchard (2005, p.302). O autor declarou que tinha descoberto “há muito tempo que a batalha decisiva não se trava no campo (geográfico), mas depois que se volta” dele. Pois, uma coisa é apenas “colher fatos”; a outra, é teorizar e cruzar todo emaranhado de saberes e tirar, desta complexa vivência reflexiva, elementos realmente novos e significativos para a construção do conhecimento. A propósito, Laburthe-Tolra e Warnier (1997, p.437) declaram que não há

fatos etnográficos brutos que se possam reunir em bloco durante a pesquisa, a fim de, num segundo momento, tendo deixado o campo, serem analisados. Os fatos sociais são construídos como tais pelo procedimento antropológico, que divide a ação dos sujeitos e constrói assim os objetos que chamamos ‘fatos sociais’.

Os referidos autores ressaltam que o “momento analítico começa no projeto de pesquisa, quando o pesquisador faz opções temáticas, geográficas e teóricas cujo resultado é a definição do campo” (LABURTHE-TOLRA; WARNIER, 1997, p.437).

Outro grande desafio ao pesquisador, sobretudo ao etnógrafo, é o problema da delimitação da amostragem. A definição dos parâmetros para o tipo, a seleção e o tamanho da amostragem determinarão, em termos qualitativos, o resultado final de qualquer trabalho acadêmico. É necessário, portanto, que o investigador seja claro e delimite, adequadamente, seu recorte empírico, ao procurar elucidar, ao máximo, o porquê de suas escolhas, o peso e a



consequente relevância da amostragem. A partir destas importantes considerações, Becker (2007, p.96) observa porque é preciso levar muito a sério a amostragem. Todo “empreendimento científico tenta descobrir algo que se aplicará a *todas as coisas* de certo tipo por meio do estudo de *alguns exemplos*, sendo os resultados do estudo [...] ‘generalizáveis’ a todos os membros dessa classe de pessoas”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a temática em pauta seja ampla, conforme elucidação anterior, esse *paper* teve como objetivo principal refletir sobre a importância da pesquisa etnográfica dialógica, levando-se em conta a singularidade, o respeito e a riqueza do encontro pesquisador/interlocutor. Além disso, refletimos sobre o desafio da ida ao campo e a coleta de dados para a análise crítica de fenômenos sociais.

A título de considerações finais, destacamos o quanto é vital estar vigilante à leitura que o interlocutor faz de seu contexto, entendendo que sua cosmovisão está dotada subjetivamente de uma verdade interna, pois ela responde aos anseios e às demandas do próprio grupo. Porém, é imprescindível que, em todas as fases da investigação, o pesquisador esteja atento para não cair em armadilhas interpretativas – caracterizadas pela predominância do discurso do senso comum – porque, decerto, fragilizariam o rigor científico. Portanto, é necessário que a referida verdade interna seja encarada não como um fim em si mesmo, mas como rica matéria-prima, ponto de partida para uma fascinante jornada que, unida àquela outra do contexto do pesquisador, possa harmonizar e enobrecer o processo dialógico, de tal modo que haja construção crítica e ampla leitura da realidade.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Leila. Maurice Leenhardt: antropologia e missão. In: TEIXEIRA, Fausto (Org.). **Sociologia da religião**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- BERREMAN, Gerald. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.



BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A profissão do sociólogo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005 [1937].

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2002 [1988].

JARDIM, Juliana Gomes. O uso da etnografia na pesquisa em educação. In: XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2013, Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013. p. 1-10. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/10590_6107.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

LABURTHE-TOLRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. **Etnologia, Antropologia**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOPES JÚNIOR, Orivaldo Pimentel. **O espelho de procrusto: estudos religionistas, igrejas evangélicas e conhecimento científico**. 2002. 310 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

NASCIMENTO FILHO, Luiz Gonzaga [Gonzaguinha]. **Caminhos do coração**. EMI Music Brasil, 1999. 1 CD. Faixa 10.

OLIVEIRA, Luís R. Cardoso de. Pesquisas em versus pesquisas com seres humanos. In: VICTORA, Ceres *et al.* (org.). **Antropologia e ética: o debate atual no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo; São Paulo: Unesp, 1998.

SANJEK, Roger (ed.). **Fieldnotes: the makings of anthropology**. Itaca, London: Cornell University Press, 1990.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo. (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

Recebido em: 29 de junho de 2020.

Aprovado em: 24 de agosto de 2020.